
**DO TRAUMA À TRAMA NAS LITERATURAS PÓS-COLONIAIS:
A PREDIÇÃO NARRATIVA EM *OS CUS DE JUDAS*, DE ANTÓNIO
LOBO ANTUNES E *O PLANALTO E A ESTEPE*, DE PEPETEla**

From the Trauma to the Plot in Post-Colonial Literatures:

Prediction Narrative in *Os cus de Judas*, by António

Lobo Antunes and *O planalto e a estepe*, by Pepetela

Maria Belém Ribeiro¹

RESUMO: Com este artigo pretende-se interpretar a presença do trauma nas obras *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes e *O Planalto e a Estepe*, de Pepetela, e a sua ação, enquanto elemento dinamizador de tempos e espaços memoriais legados nestes testemunhos. O papel da consciência é também posto em evidência nestes textos preditivos, onde o futuro se assume como protagonista e mediador dos novos caminhos da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Narração preditiva; consciência; memória.

ABSTRACT: Through this article we intend to understand the presence of trauma in the works of *Os Cus de Judas* by António Lobo Antunes and *O Planalto e a Estepe* by Pepetela, and its performance as a dynamic element of memorial time and space bequested in those testimonies.

The importance of consciousness is also relevant in these predictive texts, where future presents itself as the main character and the mediator of new narrative paths.

KEYWORDS: Predictive narrative; consciousness; memory.

A definição de trauma remete-nos para qualquer lesão ou perturbação produzida no organismo por um agente exterior, acionado por uma força, e transporta em si, ainda que de forma mais ou menos implícita, o conceito de ferida, contusão. Se caminhar-mos na busca da especificidade do trauma e na sua vertente psicológica, este define-se como uma experiência pessoal direta de um evento que envolve uma ameaça de morte ou uma injúria séria, ou qualquer outra ameaça à integridade física; a resposta pessoal envolve medo intenso, abandono ou horror².

¹ Docente da Universidade Lusófona do Porto e membro integrado da equipa de investigação do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

² Sobre este assunto cf. Briere & Scott, 2006. *Principles of Trauma Therapy: a guide to symptoms, evaluation, and treatment*. U.S.A.: Sage Publications, Inc.

O trauma psicológico pode ter diversas origens, sendo a guerra uma fonte de distúrbio psicológico contínuo:

war involves a very wide range of violent and traumatic experiences, including immediate threat of death and/or disfigurement, physical injury, witnessing injury and/or death of others, and involvement in injuring or killing others (both combatants and civilians). For some, war includes witnessing or participating in atrocities, as well as undergoing rape, capture, and prisoner-of-war experiences such as confinement, torture, and extreme physical deprivation. These traumas, in turn, can produce a variety of symptoms and disorders (BRIERE; SCOTT, 2006, p. 9).

Esta contextualização surge para explicar a trama dos romances que abordam a guerra colonial e o seu carácter preditivo como resultado de uma experiência/vivência traumática. É visível no romance *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, a presença sintomática da guerra que o leva a ser considerado um romance polifónico negativo (FORNOS, 2011, p. 93-108).

Para compreender melhor a *trama do trauma*, analisamos, numa perspetiva intertextual esta obra de Lobo Antunes e *O Planalto e a Estepe*, de Pepetela. Ambas relatam cenários da guerra colonial, através de protagonistas implicados nessa guerra (Lobo Antunes, porque exerceu medicina militar na guerra colonial; Pepetela, guerrilheiro angolano). A estas perspetivas privilegiadas associam-se outros olhares para compor os relatos históricos, tornando-os mais verosímeis e humanos.

Júlio, o protagonista de *O Planalto e a Estepe*, é branco, de olhos azuis (tal como o protagonista de *Os Cus de Judas*), e começa, desde cedo, a aperceber-se das estranhas categorias que sustentavam as mentalidades do tempo colonial e que o “racismo havia de (o) perseguir a vida inteira” (PEPETELA, 2009, p. 15). O racismo sentido desde a infância permitiu que, mais tarde, o protagonista concluísse que “o homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece” (PEPETELA, 2009, p. 24), mesmo que o regime político apregoe o “internacionalismo e a amizade eterna entre os povos” (PEPETELA, 2009, p. 157). O amor impossível entre Júlio e Sarangerel (uma rapariga mongol) foi declarado vítima devido ao racismo que se camuflou nos regimes políticos socialistas.

Quando Júlio foi para Coimbra estudar medicina, teve o primeiro contacto com os livros “subversivos”, entre eles o célebre livro de Fanon e sonhava com lutas de libertação. Mais tarde, em Moscovo, sentiu, na prática, as perversidades das ideologias que tinha abraçado. Se lhe diziam que “o

internacionalismo proletário obriga a misturar pessoas diferentes para se conhecerem e se solidarizarem umas com as outras” (PEPETELA, 2009, p. 37), foi com Jean-Michel que aprendeu a ver os “podres do mundo”, que lhe falou das traições feitas pelo Partido Comunista Francês aos revolucionários africanos, que ansiavam apenas a independência para os seus países; eram, afinal, “relações aparentemente de camaradas, mas com punhais escondidos.” (PEPETELA, 2009, p. 44).

Os dois protagonistas, embora com pontos de vista diferentes, porque colocados em posições estrategicamente opostas, vivem em mundos geograficamente distantes que se cruzam na guerra colonial. No início do romance de Pepetela, o protagonista constrói a sua personalidade baseada nas vivências na Huíla, acreditando, ingenuamente, na igualdade, no respeito e tolerância entre os homens, ideais estes que defende e cultiva durante o seu percurso académico e que a vida se encarregará de desiludir.

Se é predominante em Pepetela a dicotomia utopia/desencanto, Lobo Antunes, ao escrever um romance volvidos seis anos da guerra colonial, corporifica a escrita da desilusão. Angola, na ótica deste escritor, é o espaço físico (que se adensa e se torna manipulador do homem em todas as suas potencialidades), onde se desencadeiam os episódios de uma guerra que surge como “salvação” do orgulho perdido da pátria portuguesa, de “ser português”, num clima de falsidade e usurpação. O mar é o espaço da salvação/abismo, recuperado como alegoria de uma humanidade que perde os seus valores morais:

“Éramos peixes, somos peixes, fomos sempre peixes, equilibrados entre duas águas na busca de um compromisso impossível entre a inconformidade e a resignação, nascidos sob o signo da Mocidade Portuguesa e do seu patriotismo veemente e estúpido de pacotilha, alimentados culturalmente pelo ramal da Beira Baixa, os rios de Moçambique e as serras do sistema Galaico-Duriense, espiados pelos mil olhos ferozes da PIDE, condenados ao consumo de jornais que a censura reduzia a louvores melancólicos ao relento da sacristia e província do Estado Novo, e jogados por fim na violência paranóica da guerra, ao som de marchas guerreiras e dos discursos heróicos dos que ficavam em Lisboa, combatendo, combatendo corajosamente o comunismo nos grupos de casais do prior, enquanto nós, os peixes, morríamos nos cus de Judas uns após outros, tocava-se um fio de tropeçar, uma granada pulava e dividia-nos ao meio, trás!” (ANTUNES, 1984, p. 106).

Este testemunho do narrador/protagonista relata a sua divisão interior entre “um país estreito e velho, de uma cidade afogada de casas que se multiplicam e refletem umas às outras nas frontarias de azulejo e ovais dos lagos” e os vinte e sete meses passados em Angola “a terra sacrificada e vermelha de Angola” (ANTUNES, 1984, p. 183). Nesta obra-reflexão sobre o tempo passado em Angola, explodem críticas a um Portugal cristalizado, agrilhado a antigos impérios conquistados:

[...] Angolé nossa senhor presidente e vivápátria claro que somos e com que apaixonado orgulho os legítimos descendentes dos Magalhães dos Cabrais e dos Gamas e a gloriosa missão que garbosamente desempenhamos é conforme o senhor presidente acaba de declarar no seu notabilíssimo discurso parecida só nos faltam as barbas grisalhas e o escorbuto mas pelo caminho que as coisas levam eu seja cego se não lá iremos (ANTUNES, 1984, p. 110).

O tratamento do lugar em *O Planalto e a Estepe* assume características diferentes, tendo um maior destaque a antítese planalto/estepe, que se reflete na impossibilidade do amor entre Júlio e Sarangerel. Júlio, desde cedo, sabia que tinha de abandonar Angola para estudar em Portugal e, a esta, muitas outras viagens se seguiram na sua vida. Há um sentido de adaptação ao novo lugar, ao mesmo tempo que se crava um vínculo profundo a Angola, pois Pepetela pertenceu a uma geração de compromisso com a sua independência.

Mesmo depois da separação forçada de Sarangerel, Júlio participou ativamente nas guerras de libertação e durante o seu percurso foi ascendendo de posto e nomeado general; Júlio foi sempre justo nos seus atos: “lembraram sobretudo que nas minhas unidades todos os soldados e oficiais comiam por igual, sem privilégios de uns e reclamações dos outros” (PEPETELA, 2009, p. 132). As personagens desta obra têm estatuto humano, vivem com os seus ideais, assumem as suas fraquezas e cedem facilmente ao lucro e ao poder, através da corrupção; o único herói nesta narrativa é o amor, talvez a chave de salvação da Humanidade. Após os tempos de indefinições: “Houve guerras, acordos de paz, guerras, eleições de 1992, guerras” (PEPETELA, 2009, p. 134), em momentos de reflexão com o seu assessor Serguei, Júlio denuncia as hipocrisias que sustentam as ideologias socialistas: “[...] Raro era o responsável que gastaria as suas férias em países africanos (‘para ver misérias bastam as nossas’) ou em países socialistas, onde os divertimentos e os produtos de luxo mal existiam” (PEPETELA, 2009, p. 135-6).

Júlio, pela força das circunstâncias políticas, termina também por se considerar um deles “Nós éramos socialistas só de boca, [...] Estávamos todos à espera da primeira oportunidade para declarar de viva voz o nosso fervor capitalista” (PEPETELA, 2009, p. 136).

Em *Os Cus de Judas* há referências constantes aos heróis nacionais portugueses, às políticas expansionistas que regeram o Império cantado por Camões, que encarnam nas figuras do Governo Português, num propósito de *desconstrução dos heróis*, tal como é visível na figura de Salazar, nos fantasmas da PIDE, os mesmos que espiavam a vida de Júlio: “Salazar não gostava de subversivos e Salazar tinha muitos seguidores na cidade” (PEPETELA, 2009, p. 23).

Através do discurso de Lobo Antunes dissecam-se o atavismo do E/estado português, enquanto os combatentes caminham em direção ao precipício das faculdades humanas. Este romance caracteriza-se pelo recurso a uma linguagem técnica do campo da medicina, o que contribui para tornar o romance mais denso e realista: “[...] não há motivo nenhum para se preocuparem comigo porque esta perna esfacelada ainda não é a minha perna” (ANTUNES, 1984, p. 112). Também a aparente transgressão, a nível da pontuação, poderá representar o turbilhão de emoções, por vezes traumáticas, que penetram a escrita, deixando o seu testemunho:

Aí, durante um ano, morremos não a morte da guerra, que nos despoeva de repente a cabeça num estrondo fulminante, e deixa em torno de si um deserto desarticulado de gemidos e uma confusão de pânico e de tiros, mais a lenta, a aflita, torturante agonia de espera, a espera dos meses, a espera das minas da picada, a espera do paludismo, a espera de cada vez mais improvável regresso [...], a espera do jeep da PIDE que semanalmente passava a caminho dos informadores da fronteira, trazendo consigo três ou quatro prisioneiros que abriam a própria cova, se encolhiam lá dentro, fechavam os olhos com força, e amoleciam depois da bala como um *soufflé* se abate, de flor vermelha de sangue a crescer as pétalas na testa:

— O bilhete para Luanda — explicava tranquilamente o agente a guardar a pistola no sovaco. — Não se pode dar cúnfia a estes cabrões (ANTUNES, 1984, p. 135-6).

O narrador adota uma polifonia de vozes para credibilizar a história e revestir as personagens de um caráter anti-épico (FONSECA, 1999, pp. 179-88); através do uso de discursos opostos sobre a mesma realidade —

a guerra colonial — o *testemunho* do protagonista, precisamente porque viveu aquilo que conta — apresenta-se como um palimpsesto. Essa voz testemunhal que sustenta o enredo da escrita, rebela-se contra um país colonizador, que desrespeita e “mata” os próprios filhos; está presente, também, uma crítica ao homem, enquanto ser capaz de se transformar numa máquina de guerra, desrespeitando e destruindo a sua própria condição — a Humanidade:

Aos sábados de manhã, os velhos reuniam-se ao centro da sanzala em torno de uma cabaça de tabaco [...]. Velhos livres tornados reles escravos do arame pelos canhangulos dos milícias, pelos rostos triangulares de lagartos furiosos dos pides, pelos rancor do Estado colonial que os tratava como a uma raça ignóbil, e que cuspiam no chão escuro a saliva fumegante do tabaco, em escarros pesados de desprezo (ANTUNES, 1984, p. 155-6).

Lobo Antunes conduz o leitor por trilhos e encruzilhadas e trilhos e leva-o a penetrar no âmago da guerra e da condição humana, sendo esta a única forma de catarse do insustentável do ser — a memória da guerra. A aproximação do tom bíblico surge precisamente para realçar a perversidade da guerra, pois no início do livro, este reveste-se de um “caráter profético” na esperança das tias para que o narrador se tornasse “um homem”. (ANTUNES, 1984, p. 13). No entanto, durante esses “vinte e sete meses de escravidão sangrenta”, a guerra “tornava em tristes bichos rancorosos, violando mulheres contra o frio branco e luzidio dos azulejos” (ANTUNES, 1984, p. 189), fechando a narrativa com outra evocação da tia “— Estás mais magro. Sempre esperei que a tropa te tornasse um homem, mas contigo não há nada a fazer” (ANTUNES, 1984, p. 210).

As descrições percorrem toda a obra e aparecem ligadas à dicotomia dos lugares Lisboa/Angola; e é o mar que faz essa ligação/ponte. A água do Atlântico surge, ora como elemento de ligação, ora como elemento de distância associado à

[...] cidade colonial pretensiosa e suja de que nunca gostei, gordura de humidade e de calor, detesto as tuas ruas sem destino, o teu Atlântico domesticado de barrela, o suor dos teus sovacos, o mau gosto estridente do teu luxo (ANTUNES, 1984, p. 81-2).

No presente narrativo, o narrador adota um tom coloquial e confessa à figura feminina anônima, que o procura para sorver testemunhos de guerra, que a sua nova morada o priva da visão do mar:

E depois, que alívio, percebe, não se vê o mar, não existe o perigo de os olhos se alongarem para o horizonte em busca de ilhas à deriva ou dos inquietantes veleiros de aventura interior, sempre prontos a aparelharem para a Índia de um sonho (ANTUNES, 1984, p. 127).

A negação da pertença a África - “Não te pertenço nem me pertences, tudo em ti me repele, recuso que seja este o meu país, eu que sou homem de tantos sangues misturados” (ANTUNES, 1984, p. 82), — conduz à ausência do sentido de pertença a um lugar, o que assola o homem/narrador³: “pertenço sem dúvida a outro sítio, não sei bem qual, aliás, mas suponho que tão recuado no tempo e no espaço que jamais o recuperarei” (ANTUNES, 1984, p. 30). Não consegue encontrar a Lisboa que deixara, interseccionando o fio memorial com a realidade, num espírito de renúncia do vivido:

[...] porque Lisboa, entende, é uma quermesse de província, um circo ambulante montado junto ao rio, uma invenção de azulejos que se repetem, aproximam e repelem, [...] moramos numa terra que não existe, [...] Lisboa começa a tomar forma, acredite, na distância, a ganhar profundidade e vida e vibração (ANTUNES, 1984, p. 96-7).

O protagonista, marcado pela memória de um passado que levou a perder a crença nos seus ideais e valores morais, sente que a guerra se crava na pele e faz feridas que nunca vão cicatrizar, e, por isso, resta-lhe conviver com ela, com as suas memórias, a *mea culpa*, para se manter são:

³ De notar a diferença entre Júlio e o protagonista de *Os Cus de Judas*, relativamente à questão do lugar. Anteriormente foi referenciado que Júlio cresceu, sabendo que teria de partir. Para este angolano, a partida era uma necessidade para aceder a serviços que não possuía na sua terra; havia, portanto, uma adaptação ao lugar.

Em *Os Cus de Judas*, está presente um saudosismo que, posteriormente, dá voz à nostalgia do protagonista. Torna-se sua *acompanhante*, na medida em que é fruto da *mea culpa*. O papel da consciência influencia esta falta de sentido de pertença – o narrador tenta renunciar o seu passado, enquanto elemento participativo na guerra colonial; logo, é o referencial psicológico que encaminha o protagonista para este vazio espacial.

[...] Era tudo mentira e acordei, [...] em noites como esta, em que o álcool me acentua o abandono e a solidão e me acho no fundo de um poço interior demasiado liso, surge dentro de mim, tão nítida como há oito anos, a lembrança da cobardia e do comodismo que cuidava afogados para sempre numa qualquer gaveta perdida da *memória*, e uma espécie de, como exprimir-me?, remorso, leva-me a acocorar-me num ângulo do meu quarto como um bicho acochado, branco de vergonha e de pavor (ANTUNES, 1984, p. 140; grifo nosso).

E é aí que surge a narração preditiva, através de questões retóricas de impossível resposta, que permitem questionar o presente e redesenhar o futuro:

O que seria de nós, não é, se fôssemos, de facto, felizes? Já imaginou como isso nos deixaria perplexos, desarmados, mirando ansiosamente em volta em busca de uma desgraça reconfortadora, como as crianças procuram os sorrisos da família numa festa de colégio? (ANTUNES, 1984, p. 143).

Angola é para o narrador terra de contrastes, lugar de miséria e, ao mesmo tempo, de uma certa esperança nas novas gerações, de quem se esperam halos de mudança:

Terras do Fim do Mundo eram a extrema solidão e a extrema miséria [...] E, no entanto, havia a quase imaterial beleza dos eucaliptos de Ninda ou de Cessa, aprisionando nos seus ramos uma densa noite perpétua, a raivosa majestade da floresta de Chalala a resistir às bombas, os púbis tatuados das mulheres, por trás de cuja curva de bule cresciam, ao ritmo cardíaco dos tambores, filhos que eu ansiosamente desejava menos passivos e melancólicos que nós, que não se acorassem, vencidos, diante das palhotas, passando-se uns aos outros o cachimbo da cabaça (ANTUNES, p. 125-6).

Através da análise destas obras são perceptíveis as rasuras e as fragilidades da história colonial portuguesa que, no comprometimento dos seus homens e mulheres na guerra, estimulou uma política de colonização, promovendo a paz e disfarçando a guerra. Em *Os Cus de Judas*, o narrador exerce medicina na Guerra Colonial, sendo-lhe exigida a reconstituição dos corpos dilacerados na guerra. Através dessa metonímia, o narrador,

comprometido na reconstrução de uma pátria enferma, assiste à falência desta nova “empresa” de expansão colonial portuguesa e deixa ao leitor a conclusão de que a guerra não traz qualquer benefício.

Em *O Planalto e a Estepe* assiste-se à falência das ideologias. Serguei, um oficial superior soviético, em conversa com Júlio, assume também os fracassos do soviétismo:

— Falhámos em toda a linha, camarada [...] — Não construímos a sociedade do futuro, nem a mais justa, como prometemos aos povos do mundo. Antes pelo contrário, criámos tremendas injustiças em todos os países onde tentámos espalhar a revolução, na Europa ou fora dela (PEPETELA, 2009, p. 136-7).

Júlio, caracterizado inicialmente pela sua inocência, ainda seguiu os ideais socialistas; no entanto, mais tarde, confessa-se como a imagem da descrença. Negociou com “os antigos companheiros cubanos e soviéticos, até aos mercenários sul-africanos e ingleses que trocaram lealmente de campo conforme as conveniências dos negócios” (PEPETELA, 2009, p. 142) e conviveu “com gente que aparece nas revistas do jet-set mundial, festejando negócios em iates com modelos anoréticas de mirradas mamas à mostra, jantei na Torre Eiffel com os maiores traficantes do mundo”, chegando mesmo a ir a “Nova Iorque negociar com uma empresa mais tarde tornada famosa pelas suas falcatruas no Iraque pós-Sadam” (PEPETELA, 2009, p. 143).

No entanto, o narrador continua a dar provas dos seus escrúpulos, numa tentativa de aplacar a sua consciência no tempo da escrita: “mas eu não cedia em princípios de probidade, participava ou propunha negócios, recebia as comissões e depois estas eram religiosamente entregues ao ministério, com as contas certinhas.” (PEPETELA, 2009, p. 143). As críticas tecidas pelo narrador arrastam-se até ao mundo atual, e são os próprios revolucionários que se rendem às práticas neo-colonialistas de enriquecimento próprio. Com o tempo a corroer os ideais e os valores, o narrador desilude-se quando percebe que parte da negligência do país vem dos seus próprios companheiros. Serguei vaticinou este futuro para África: “Um dia chegarão à paz verdadeira e será o mesmo sistema, as mesmas elites no poder, só que em novos termos e com diferentes discursos, claro” (PEPETELA, 2009, p. 139).

Estes dois escritores afastados pela contingência do espaço, que destinou as suas posições na guerra, encontram-se ideologicamente contra

esta e lutam por mais humanidade. É, com efeito, a consciência⁴ — essa capacidade de ter uma mente equipada com um dono — plasmada em protagonista da existência que permite resgatar testemunhos para acionar a capacidade de aprendizagem, numa nação que se encontra moribunda, mas *fixada* no mar.

No fundo, quer para Pepetela quer para Lobo Antunes, a água é a imagem da perdição e predição, pois consegue condensar desilusão e esperança; é origem do Ser, sua constituição, é lugar de aventura e caminho de ancoragem: “Flutuo entre dois continentes que me repelem, nu de raízes, *em busca de um espaço branco onde ancorar*” (ANTUNES, 1984, p.193; grifo nosso).

Estes homens/escritores atacados pela história deixam, pela sua obra, um legado para a humanidade, pois é através dos seus testemunhos que surgem caminhos para repensar a história e, principalmente, essa condição de *sermos*.

Sem nunca desvirtuar a consciência de que “somos, em simultâneo, do tempo da Utopia e do tempo dos Predadores” (COUTO, 2009, p. 133), estes escritores gravam o seu testemunho, para que o futuro seja mais “nosso” e se abram novos caminhos para a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I

ANTUNES, António L.. *Os cus de Judas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.

II

BRIERE, John & SCOTT, Catherine. *Principles of trauma therapy: a guide to symptoms, evaluation, and treatment*. U.S.A.: Sage Publications, 2006.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* 2. ed.. Lisboa: Caminho, 2009.

DAMÁSIO, A.. *O Sentimento de si*. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência. 6.ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1999. (Mem Martins Codex).

⁴ Sobre este assunto cf. DAMÁSIO, A., 1999. *O Sentimento de si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. 6ª ed., Mem Martins Codex, Portugal: Publicações Europa-América.

FONSECA, A.M. Testemunho(s) e memória(s) imagens pós-coloniais da alteridade., p.179-88. in CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA: LITERATURA E PLURALIDADE CULTURAL, 3, 2000, Lisboa. *Atas*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

FORNOS, José Luís Giovanoni. Ironia e desencanto: as vocações da utopia nos romances polifônicos negativos de Augusto Abelaira, António Lobo Antunes e Lídia Jorge, p. 93-108. in: *Teia Literária 5 — Eros e Utopia, Revista de Estudos Culturais Brasil-Portugal-África*. Jundiaí: Editora In House, 2011.

RIBEIRO, Maria Belém. *A definição de uma literatura — Literatura angolana*. 2009. 300 f. Tese. (Doutorado em Ciências da Literatura) — Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2009.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016